

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – VALE REGISTRAR

Núcleo de História Oral

FICHA TÉCNICA

Código da entrevista: VR-HT-MA-019

Entrevistado: Rui Alves Barbosa

Local da entrevista: Estação Ferroviária de Mariana / Vagão Oficina de Vídeo e Sala de Histórias

Data da entrevista: 15/03/2007

Horário da entrevista: 17h50min

Duração da entrevista: 58min54seg

Equipe do Vale Registrar / História Oral:

Supervisão: Jason Barroso Santa Rosa

Subcoordenação: Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

Entrevistadores: Josanne Guerra Simões, Eder Donizete de Melo (monitor)

Gravação da entrevista:

Coordenação: Bellini Andrade (EMVIDEO)

Produção: Mateus Brandão (EMVIDEO)

Câmera: Rafael Almeida Santos (monitor)

Equipamento utilizado: Câmera digital MiniDV

Transcrição: Eder Donizete de Melo

Data da transcrição: 05/04/2007

Conferência de fidelidade: Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

Data da conferência: 11/04/2007

Pesquisa para notas de rodapé: Elodia Honse Lebourg

Copidesque: Maria Angélica Vieira Bonome, Rui Alves Barbosa

[Início da entrevista]

Keka Simões – O senhor poderia nos dizer seu nome completo, a data e local de nascimento?

Rui Alves – Meu nome é Rui Alves Barbosa. Eu nasci em Rio Acima¹, em 14 de junho de 1952.

Keka Simões – Qual é o nome dos seus pais?

Rui Alves – Antônio Leonardo Barbosa e Joaquina Isabel Barbosa.

Keka Simões – Eles são de Rio Acima?

Rui Alves – Não. Meu pai nasceu em Itaverava². Teve uma vida meio cigana no caso. Foi para São Paulo. Depois foi para Rio Acima, trabalhar em uma Companhia que se chamava Gandarela³. Lá, ele conheceu minha mãe e se casou.

Keka Simões – Você falou...

Rui Alves – Meu pai é de Itaverava.

Keka Simões – ... que seu pai teve uma vida meio cigana. Ele trabalhava com o quê?

Rui Alves – Olha, eu acho que, por ter nascido em uma região de roças, desde menino trabalhava como tropeiro, essas coisas, não é? Depois foi para São Paulo. Acho que trabalhou em siderurgia, em revestimento de alto forno, revestimento de refratários de alto forno, que foi uma das coisas que ele trabalhou em Rio Acima, na época. Só que minha mãe morreu, nessa época. A gente era criança ainda e ele assumiu isso. Acabou sendo picado por barbeiro e se aposentou por invalidez, por Doença de Chagas. Então, o período maior que eu conheço de pai é como aposentado, com algumas idas a algumas companhias para fazer revestimento de alto forno.

Keka Simões – Certo. Sua mãe trabalhava ou era dona de casa?

Rui Alves – Ela dava aula.

Keka Simões – Dava aula.

Rui Alves – Na verdade, eu nasci em um distrito de Rio Acima, que se chama Cocho D'Água. É um nome até meio estranho, mas tem uma história... Por lá

¹ Município de Minas Gerais.

² Município de Minas Gerais.

³ Gandarela Corporation do Brasil Ltda., mineradora.

passava a Estrada Real⁴ e tinha um local por onde o pessoal passava para alimentar, dar água para cavalo. Realmente tinha a história de um cocho de pedra. Virou o nome do local, que era uma roça. Minha mãe dava aula nesse lugar. Não era professora formada, mas também nos anos 1950 era isso! [riso] Ela era professora lá.

Keka Simões – O senhor tem irmãos?

Rui Alves – Tenho.

Keka Simões – Quantos?

Rui Alves – São nove irmãos. Meu pai casou-se duas vezes. Da minha mãe éramos quatro: três mulheres e eu. Da minha madrasta, mais três mulheres e dois rapazes.

Keka Simões – E a profissão deles?

Rui Alves – Minhas irmãs por parte de pai e mãe: uma é auxiliar de enfermagem, a outra é enfermeira formada⁵ e uma é professora. Agora, os novos: um irmão é professor de Educação Física, outro irmão trabalha no comércio, uma irmã é doméstica, a outra também trabalha em casa, com alguns afazeres na cidade, e a outra é enfermeira também.

Keka Simões – Qual é sua formação profissional?

Rui Alves – Olha, a profissão que eu desenvolvo na Companhia⁶... Eu sou técnico químico. Quando me formei em Técnico Químico... Eu tinha sempre o sonho de fazer um terceiro grau e vim a fazer recentemente: em 1998, fiz o curso de Matemática. Hoje, à noite, eu dou aula também, de Matemática.

Keka Simões – Certo. Onde você fez seu curso técnico em Química?

Rui Alves – Eu fiz no Coltec, no Colégio Técnico da UFMG⁷. Na época, era um colégio com... Os alunos vinham do interior. Depois dessa fase, começaram a vir alunos que se formavam no Centro Pedagógico⁸. Mas tinha bastante união. Era um colégio com bastante nome na época. E acho que hoje ainda mantém.

Keka Simões – É, sem dúvida.

⁴ Antigas vias autorizadas de acesso à região das reservas auríferas e diamantíferas da Capitania de Minas Gerais, que se iniciavam em Paraty ou no Rio de Janeiro e iam até Ouro Preto e também Diamantina.

⁵ Em momento posterior à entrevista, o entrevistado esclareceu que se confundiu aqui. A irmã em questão não tem profissão definida, mas participa de organizações sociais e estava, à época, no segundo mandato como vice-prefeita de Rio Acima.

⁶ Companhia Vale do Rio Doce.

⁷ Universidade Federal de Minas Gerais.

⁸ Centro Pedagógico da UFMG.

Rui Alves – Foi uma formação boa. Quer dizer, a gente sai da escola e vai aprender mesmo é depois, na vida, no trabalho. Mas a base foi muito boa.

Keka Simões – Como foi o início da sua vida profissional? Assim que se formou como técnico em Química, você entrou para a Vale do Rio Doce ou trabalhou em outros locais e até em outras atividades, antes?

Rui Alves – Não, eu fiz um estágio fora da Vale. No ano em que me formei, eu fiz uma prova para fazer meu estágio na Vale. E fiz uma prova também – porque apareceu na época – para fazer um estágio na Companhia Nacional de Álcalis, em Cabo Frio⁹, no distrito de Arraial do Cabo. Na época, naquele desespero de ter de trabalhar, dificuldades... Então a Álcalis me chamou primeiro e eu fui. Depois de uma semana que eu estava na Álcalis, a Vale me chamou. Como eu já estava lá, eu continuei. Cumpri 10 meses de estágio, de abril a dezembro, não chegou a 10 meses. Logo depois que fiz o estágio – eu saí de lá em dezembro – apareceu uma prova para a Vale, novamente. E comecei a trabalhar na Vale em fevereiro do ano seguinte.

Keka Simões – Rui, vou ter que dar uma paradinha porque o trem chegou fora de hora.

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO]¹⁰

Keka Simões – Posso ir?¹¹ Você estava me falando do estágio que fez no Rio de Janeiro, não é isso?

Rui Alves – É.

Keka Simões – Depois, então, você vai ingressar na Companhia Vale do Rio Doce. Você disse que fez uma prova para fazer o estágio. Esse é um hábito, uma norma da Companhia Vale do Rio Doce para todas as áreas de estágio? O pedido de estágio é acompanhado por uma seleção, como uma prova?

Rui Alves – Tem uma prova e as seqüências de aptidões. Hoje, acho que as coisas até melhoraram: tem entrevista, dinâmicas de grupo... Acho que hoje é melhor do que antes. Antes se faziam uma prova e os testes psicológicos, para o ingresso.

Keka Simões – Certo. Aí você começou em Mariana...

Rui Alves – Não.

⁹ Município do Rio de Janeiro.

¹⁰ A entrevista foi interrompida, devido à chegada do Trem Turístico Ouro Preto – Mariana.

¹¹ Dirige-se ao operador de câmera.

Keka Simões – ... ou trabalhou em outros locais?

Rui Alves – Não, não tinha Timbopeba¹² na época. Foi em 1975. Eu fui trabalhar na Mina de Piçarrão¹³. A Mina de Piçarrão é uma mina que se exauriu em 1983. Hoje é a Nova Era Silicon¹⁴. Trabalhei exatamente oito anos. No dia em que estava fazendo oito anos de Companhia, eu vim para Timbopeba.

Keka Simões – Você veio transferido para cá?

Rui Alves – Transferido.

Keka Simões – Isso foi...

Rui Alves – Mas não fui eu que fechei a porta ainda, não é? A gente veio no dia 17 de fevereiro de 1983, dia em que ingressei na Companhia, em que estava fazendo aniversário. Em 1984 é que fechou tudo. O resto do pessoal, que tinha ficado para dar continuidade ao movimento que ainda tinha, foi transferido em 1984. Alguns foram para Itabira¹⁵, outros vieram para cá. Foi aberta a escolha.

Keka Simões – Ah, isso eu ia perguntar! A Companhia deu possibilidade de opções? No seu caso, por exemplo, poderia ir para outro lugar ou Mariana ou [inaudível]?

Rui Alves – Como eu fui trabalhar em laboratório, ficaram abertos praticamente dois lugares: Itabira ou Mariana. Mariana estava começando a parte inicial de *startup*¹⁶; ia dar o *startup* da Mina de Timbopeba. Eu preferi vir para Mariana.

Keka Simões – Então você está aqui desde 1984?

Rui Alves – Oitenta e três, 17 de fevereiro de 1983.

Keka Simões – Você pegou todo o início da operação, vamos dizer assim...

Rui Alves – É, embora meu trabalho seja muito de laboratório. Então, muito do dia-a-dia do movimento operacional a gente [inaudível] ali. Sabe das coisas que estão acontecendo, mas a gente... É uma visão mais distante.

Keka Simões – O que um laboratório e um técnico químico fazem em uma mineradora? No geral e no seu trabalho específico na Vale do Rio Doce?

¹² Mina de Timbopeba, explorada pela Companhia Vale do Rio Doce. Localizada em Ouro Preto.

¹³ Localizada em Nova Era, município de Minas Gerais.

¹⁴ Usina siderúrgica produtora de ferro silício.

¹⁵ Município de Minas Gerais.

¹⁶ Começando, dando a partida.

Rui Alves – Para se produzir o minério, você tem uma especificação a ser buscada, na qual você vai trabalhar. Normalmente, hoje, você tem os parâmetros pré-definidos. A gente vai analisar esse minério e dar suporte para as usinas, para a concentração, as minas. E também, depois, vai analisar o produto. Meu trabalho de laboratório, dentro da mineração de minério de ferro, é bem voltado para análise de minério de ferro, de alguns insumos, algumas coisas que apareceram. Mas o global seria a análise do minério de ferro.

Keka Simões – Certo. Quais profissionais são necessários nesse laboratório? Além de você, qual o perfil dos profissionais que trabalham?

Rui Alves – Olha, no laboratório, a gente trabalha parte física, que seria a parte de preparação de amostras, análise granulométrica... Testes físicos em si e o laboratório químico. No laboratório físico, a gente tem os laboratoristas, que são pessoas para quem se exige segundo grau. Vão fazer todo o processo de preparo de amostra. E os técnicos, na parte de execução, na parte de desenvolvimento. No químico, o requisito básico seria formação técnica, tanto o pessoal para desenvolvimento... Normalmente, hoje, a parte de desenvolvimento dos laboratórios de produção é menor. Grande parte do pessoal está voltada para a produção. [Estaria]¹⁷ mais nesse pessoal. Às vezes, um superior¹⁸ para desenvolvimento e a parte gerencial dos supervisores também.

Keka Simões – Certo. Sobre essa análise química do minério, o mineral que a Vale explora na nossa região tem alguma característica diferente de outras minas? Ou esse minério de ferro é sempre igual em qualquer lugar?

Rui Alves – Não, você vai ter as jazidas, vai ter as diferenças. Embora eu não domine muito essa parte... Quando funcionou, a Mina de Timbopeba – onde eu trabalhei por mais tempo, apesar de ter ficado um ano na Mina de Alegria¹⁹ – trabalhava com dois tipos de minério: o minério provindo da Mina de Capanema²⁰, que era um minério hidratado, um minério de cor marrom; e o minério de Timbopeba, que era um minério mais anidro, mais escuro.

Keka Simões – Que diferença dá entre o minério hidratado e o outro?

¹⁷ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

¹⁸ Funcionário com formação em nível superior.

¹⁹ Mineração de minério de ferro pertencente à Companhia Vale do Rio Doce. Localizada em Mariana.

²⁰ Mineração de minério de ferro localizada em Itabirito, município de Minas Gerais.

Rui Alves – Em termos de teor, basicamente, você vai... Na mineração não tenho muita coisa para falar... É base, não é? Essa parte de exploração de minério, da estrutura mineral toda... Mas a grande exploração na Mina de Timbopeba foi a hematita, que é basicamente o óxido de ferro com as partes de impureza. Essa diferença de estar hidratado e ser, sei lá, [supergênico,]²¹ um material mais hidratado, tem essas diferenças – eu não vou me arriscar muito aqui porque posso falar alguma besteira. [riso] Mas são características de formação do minério, são características de gênese.

Keka Simões – Certo. Então, há essa necessidade, no caso de uma mineradora, de ter todos esses profissionais para trabalhar com essas diferenças estruturais do mineral para poder chegar ao produto?

Rui Alves – Na verdade, ele tem que ter conhecimento da mina. Como ele vai conhecer a mina? Vai ter uma parte inicial: as sondagens. Ele vai fazer as análises químicas e diversas análises necessárias para conhecer, definir o corpo mineral que tem ali. Basicamente, na minha parte, a interação do laboratório, tanto com a mina quanto com a operação, seria dar suporte para que o pessoal faça a exploração da mina. Por exemplo, você tem uma frente de minério e ele vai formar uma pilha para alimentar uma usina com uma determinada qualidade pré-requerida. Para se atingir aquilo, ele tem que estar conhecendo o que está jogando na pilha. Esse é o nosso papel: estar analisando. Ele está gerando amostra de hora em hora e de hora em hora está recebendo os resultados, qual a concentração de ferro e dos contaminantes. Normalmente, na nossa produção, a gente trabalha basicamente com oito elementos principais, que estariam sendo analisados de hora em hora. Tem diversas situações. Mas o controle está muito em cima de sílica, ferro. Pela sílica você controla mais ou menos o teor de ferro, na visão de uma formação de pilha. E alguns contaminantes que são críticos. Então...

Keka Simões – O que é um contaminante?

Rui Alves – Quando eu tenho um minério, o que eu quero retirar dali? O ferro, não é? O que não é ferro passa a ser um contaminante naquele minério. Na hora em que você vai fazer a separação... Você tira o minério na mina em uma determinada concentração: vamos supor, 48% de ferro. E vai sair um

²¹ Interferência do entrevistado a partir da leitura da entrevista, sem ter ouvido o áudio.

produto com 60 a 65%. Então, você tem uma concentração prévia, às vezes... No caso de Timbopeba, antes era só peneiramento, quando se trabalhava... Há uma britagem, há uma formação de granulados, depois os finos. No começo tinha essas duas classificações: os granulados e os finos. Os superfinos, às vezes, perdiam-se como rejeito. Foi aí que veio a construção das partes de concentração, das usinas de concentração²², para aproveitar esse superfino. A gente poderia classificar esse grupo em: granulados; o que a gente chama de *sinter*²³, os finos; e os superfinos que são... Em geral, os finos seriam para sinterizações nas indústrias; os superfinos, para formar os *pellets*²⁴. Não sei se estou falando besteira em relação a isso, mas o meu conhecimento não é profundo nessa parte. A parte de laboratório seria você dar esse suporte a esses controles. Por exemplo, uma usina: para a geração de superfinos – os *pellet feeds* como a gente fala –, a gente tem resultado ali, já trabalhamos com tempo de resposta de meia hora, para que o pessoal possa fazer as modificações necessárias na usina. Essa parte de geração de superfinos... Você tem uma usina de concentração onde tem adição de reagentes, essa parte toda. E qualquer mudança... Embora a produção trabalhe dentro de um regime, as coisas não estão variando, deixando as pessoas doidas, não é? Mas, às vezes, sai fora de regime e o pessoal precisa de resultado para controlar. Aí faz uma modificação, quer ver a resposta que aquela modificação feita na usina teve no produto, o que vai sair através do resultado analítico.

Keka Simões – Quando veio para cá, nesse início, você lembra quantos funcionários trabalhavam nesse setor específico do qual você faz parte?

Rui Alves – Aqui em Timbopeba, não é?

Keka Simões – Aqui.

Rui Alves – Olha, falar número exato...

Keka Simões – Aproximadamente, não precisa...

Rui Alves – Eu acredito que a gente deveria ter umas trinta e poucas pessoas. Está mais ou menos nesse número. Depois, o número diminuiu

²² Setor da usina em que os minérios superfinos são concentrados pelo processo de flotação.

²³ *Sinter feed*, um dos produtos do minério de ferro, destinado à sinterização na siderurgia.

²⁴ *Pellet feed*, um dos produtos do minério de ferro, obtido nas usinas de pelotização.

muito. A gente tinha [um número]²⁵ X de pessoas por turno. Algumas coisas se faziam a mais. Por exemplo, na parte inicial do laboratório, onde a gente controla minério, a gente analisava óleos lubrificantes. Por quê? Porque os equipamentos de minas, os caminhões todos trabalham com óleo de lubrificação. Nessa movimentação estava havendo um desgaste das peças, das engrenagens, de toda parte do motor em si. E, através da análise desse óleo, conhecendo esse desgaste, quais os elementos que apareciam em maior ou menor concentração, acima do esperado daquele óleo, o pessoal conseguia monitorar o desgaste do motor. Isso foi feito por um longo tempo. Depois a Vale terceirizou toda essa parte. O laboratório de Timbopeba tinha, o laboratório de Itabira, na época, também tinha a parte de óleos. Depois a Vale terceirizou e essa parte analítica a gente não faz mais nos laboratórios da mina. Claro que na estrada²⁶, em Vitória, você vai ter um laboratório de óleos, não é?

Keka Simões – Na implantação da Vale do Rio Doce aqui, e no caso específico do laboratório de química, se usou algum tipo de equipamento ou de tecnologia que ainda não havia sido usada nas outras minas da Vale do Rio Doce? Ou esse *know-how* que veio para cá era o mesmo aplicado em outros locais?

Rui Alves – Olha, na época, o que diferenciava um laboratório de outro era um laboratório menos equipado e mais equipado. Em Piçarrão, a gente trabalhava basicamente na Via Úmida²⁷ clássica. No final, a gente fez alguma coisa em termos de colorimetria²⁸ para alguns elementos, [inaudível] análise, não é? Para cá, o começo também foi assim. A gente estava menos equipada, por exemplo, do que o laboratório de Itabira, que tinha uma estrutura já montada. Teve uma parte inicial que foi manual. Depois vai equipando, vai melhorando a performance analítica, vai adquirindo equipamentos. Só para se ter uma idéia... Vamos fazer uma síntese: no minério de ferro, a gente tem o elemento principal que seria o ferro, do qual a gente vai fazer análise, e alguns contaminantes principais que seriam: a sílica,

²⁵ Acréscimo feito pelo entrevistado; não consta da gravação.

²⁶ Refere-se à estrada de ferro que transporta o minério da Companhia Vale do Rio Doce, controlada de Vitória, capital do Espírito Santo.

²⁷ Processo de análise química não instrumental que utiliza métodos clássicos como volumetria, gravimetria etc.

²⁸ Processo de análise química que tem por base a comparação de cores e suas variações.

o óxido de silício, talvez um dos contaminantes altos; a alumina que é o óxido de alumínio, outro interferente... Analisa o fósforo. O fósforo tem uma parte interessante. À medida que você vai concentrando minério, ele vai concentrando. Por quê? Porque não sai. Na hora em que eu concentro o minério, eu estou eliminando a sílica, a alumina e tal, e ele acaba continuando no minério. Ele chega lá na frente, ao aço lá, vai ter suas interferências, é prejudicial. Então esse controle do fósforo é bastante mais rigoroso, mais exigido. Vamos falar em termos de exigência. No caso, por exemplo, do minério de Capanema com o qual a gente trabalhava, eu tinha um fósforo mais alto, na faixa de... Hoje a gente chamaria de 0,07 a 0,10 [(valores percentuais)]²⁹ de fósforo. Depois ficou nessa faixa porque essa faixa já era ruim. Então, o controle aí era a maior exigência. Ao passo que o minério de Timbopeba era um minério mais baixo. O fósforo... Vêm o manganês e o titânio – também analisados em forma de óxido –, o cálcio e o magnésio. Essa é a parte que a gente analisa quase rotineiramente. É claro que, para controle de usina – eu preciso controlar usina –, eu não precisaria de todos esses resultados. Talvez ao trabalhar com ferro, com a sílica... Provavelmente ele tem o resultado da sílica e já tem uma idéia do teor de ferro, e vai controlar os elementos: “Ah! Eu vou controlar o fósforo ou o manganês aqui nessa frente”. A nossa análise inicial era toda mais difícil, mais Via Úmida, ou mesmo na colorimetria, em que você vai analisar cada elemento separadamente, aí é importante. Quanto menos exigissem para a gente, seria menos trabalhoso, porque algumas análises são demoradas. Se eu pegasse a Via Úmida e os métodos de rotina que a gente teve antes, eu podia pegar uma análise que demorava [muito,]³⁰ um dia. [Se vou]³¹ fazer uma análise de sílica gravimétrica – que é você pegar aquele minério, dissolver em ácido clorídrico; sobra um resíduo no fundo e depois esse resíduo do fundo eu trato com ácido fluorídrico para evaporar e ter o resultado pela diferença; aí que é o teor de sílica – levava mais ou menos um dia. Então, nos laboratórios, principalmente da Vale... Hoje a Vale incorporou algumas mineradoras, por exemplo, Samitri³²,

²⁹ Acréscimo feito pelo entrevistado; não consta da gravação.

³⁰ Acréscimo feito pelo entrevistado; não consta da gravação.

³¹ Acréscimo feito pelo entrevistado; não consta da gravação.

³² Minerações Trindade S/A.

Ferteco³³, cujo equipamento mais usado era o plasma. Na Vale [o histórico é mais o]³⁴ equipamento de raios X. É claro, no equipamento de raios X eu vou pôr para analisar todos os elementos que falei e vai sair o resultado de todos. Então, a gente fornece todos os resultados porque é mais prático. Mas, se eu fosse seguir uma Via Úmida clássica, em que tivesse que analisar elemento por elemento, seria muito complicado. Quando a gente ia negociar com a usina, por exemplo: “De que você precisa para controlar a sua concentração?” “Ah! Eu quero teor de sílica, fósforo e ferro”. Então a gente analisava esses três elementos. Agora, hoje, com raios X não, todos os teores [já]³⁵ saem para eles. Pode ser que eles não vão usar, vão usar o que interessa, mas o resultado é praticamente simultâneo. E não só para a gente, para o controle operacional, a aquisição dos raios X foi muito boa. Não só raios X [espectrômetro de fluorescência de raios X]³⁶... A parte de Alegria hoje também está com raios X, mas o histórico que vem antes é de plasma [espectrômetro de emissão por plasma]³⁷. São termos de resposta mais rápida.

Keka Simões – O que é esse plasma?

Rui Alves – Plasma é o que a gente... [risos] A gente fala a nossa linguagem e as pessoas acabam não entendendo porque [ficam perdidas]³⁸. A gente fala espectrômetros. Temos o espectrômetro de raios X, plasma é um espectrômetro, a absorção atômica é um espectrômetro. O plasma é um espectrômetro de emissão ótica. Aquilo vai gerar o que a gente poderia chamar de uma pequena tocha. Na verdade não é uma chama, é um estado da matéria: a gente ioniza o argônio através de uma bobina de rádio-freqüência. Ele, ionizado, gera uma pequena tocha na faixa de temperatura de seis mil graus, por aí. A amostra, para ser analisada no plasma, teria que estar em solução, em líquido. Ela vai ser aspirada, vai ser atomizada nessa tocha; os átomos vão pular de camadas e, na hora em que voltarem, eles vão emitir intensidades de energia. Através dessa emissão da energia, vai ser feita

³³ Ferteco Mineração S/A, empresa dedicada à mineração e processamento de minério de ferro. Atualmente pertence à Companhia Vale do Rio Doce. Localizada no Quadrilátero Ferrífero.

³⁴ Interferência do entrevistado após a leitura da entrevista, sem ter ouvido o áudio.

³⁵ Acréscimo feito pelo entrevistado; não consta da gravação.

³⁶ Acréscimo feito pelo entrevistado; não consta da gravação.

³⁷ Acréscimo feito pelo entrevistado; não consta da gravação.

³⁸ Interferência do entrevistado a partir da leitura da entrevista, sem ter ouvido o áudio.

a análise. Toda análise instrumental é uma análise comparativa. Eu vou emitir o meu resultado em função de alguma coisa que vou analisar junto e sobre a qual eu conheço o resultado. Nos raios X, a gente trabalha com material sólido: pastilhas prensadas e pastilhas fundidas. O que teria um pouco de diferença aí? Vamos pôr um pouco de histórico, porque talvez fique mais fácil esclarecer as perguntas. Nas pastilhas fundidas, eu vou pegar uma pequena parte do minério – normalmente um grama – e vou fundir a mil graus com um fundente. Esse minério vai se dissolver naquele fundente. Depois, eu vou solidificar em um molde e vou fazer a leitura. Seria uma pastilha fundida. O que eu ganharia com isso? Se eu tiver, no meu minério, variedade de gênese, todas essas influências estariam no mesmo parâmetro, na mesma matriz, para eu fazer sua leitura. Então, eu poderia pegar um minério de Timbopeba, de Alegria, lá da China: eu os estaria lendo bem na mesma curva. No caso das pastilhas prensadas – a gente fala pós-prensados –, a gente mói uma quantidade de minério em granulometria bem fina: normalmente, a nossa faixa é 95% abaixo de 0,037 milímetros. E isso depois é prensado em um molde. Forma-se uma pastilha com uma prensa de 20 toneladas. Seria uma pastilha aí maior do que... Como se fala o comprimido do sal de fruta? Do Eno, não é? Maior do que ele, mas com o minério prensado. Na hora em que a gente faz a leitura nos raios X, esse minério dá boa resposta. Mas a gente teria que fazer... A curva para ele teria que ser uma curva bastante, como se diz, homogênea em termos de gênese. Para uma mina, por exemplo... Uma curva [só]³⁹ para o minério de Timbopeba daria uma curva boa. Mas, se eu fosse misturar minério de um local com o de outro, de gêneses diferentes ou de características diferentes, talvez eu não tivesse boa resposta. Em termos de normalização internacional, que é uma norma para análise via raios X... Tem a norma de pastilha fundida. Sobre a de pastilha prensada foi feito o trabalho, mas acabou virando um relatório técnico e voltado para que se use dentro das próprias minas, para que se trabalhe com minérios de mesma característica. Porque aí eu tenho interferência de gênese... Eu não vou entrar nesses detalhes, porque eu não tenho muito conhecimento técnico para falar sobre a estrutura dos grânulos que vão se formar ali. Então, em termos do laboratório,

³⁹ Acréscimo feito pelo entrevistado; não consta da gravação.

o carro-chefe da gente é raios X [entenda-se: espectrômetro de raios-X]⁴⁰. Os que têm o plasma vão analisar com plasma também, com tempo de resposta curto. Mas eles têm que pegar essa mesma amostra, dissolver em um ácido ou por fusão, e transformar em solução. Aí ela vai ser aspirada e é feita a leitura. Então, só fazendo um resumo sintético. Nos raios X, a gente pega o material sólido, vai analisar. A gente tem um tubo de raios X que... A gente fala raios X e fica preocupada com a geração de raios X... Mas são tubos que são alimentados eletricamente. Se eu desligar da parede, eles param de gerar os raios X. Um equipamento altamente blindado, sem vazamento nenhum. Então, eu tenho uma amostra [que é]⁴¹ bombardeada com feixes de raios X primários: aquilo vai excitar os átomos. Os elétrons, ao voltarem para as camadas anteriores, vão emitir o que a gente chama de raios X secundários. Isso aí vai ser colimado, depois vai para um detector que vai fazer a leitura. É também uma análise comparativa. Eu vou gerar um resultado em função de diversos padrões que eu analisei e sobre os quais gerei uma curva [entenda-se: curva analítica do equipamento]⁴². Então, em termos de resposta é bom, porque eu tenho o tempo de preparo da minha amostra, eu pus para ler. Em dois minutos, eu li a pastilha e já tenho o resultado para liberar. É claro que minha preparação vai levar 20 minutos, às vezes 30 minutos, às vezes mais, conforme o volume de amostras que você tem para trabalhar. No plasma, aquele mesmo trabalho do físico... A amostra chegou para mim, eu vou ter que fazer o trabalho de transformar em solução para fazer a leitura. Mas também é o mesmo princípio.

Keka Simões – Ao falar dos raios X, do material blindado, você tocou em uma coisa importante que é a questão da segurança. Quais medidas de segurança, tanto do pessoal quanto do espaço físico, são habitualmente tomadas dentro desse setor? Existe um controle? Como isso é feito dentro da Companhia Vale do Rio Doce?

Rui Alves – Dentro do laboratório, a gente tem uma preocupação, a consciência de segurança é bastante grande em tudo o que envolve ali. Em termos de raios X, são bem vedadas as tampas com proteção de chumbo

⁴⁰ Acréscimo feito pelo entrevistado; não consta da gravação.

⁴¹ Acréscimo feito pelo entrevistado; não consta da gravação.

⁴² Acréscimo feito pelo entrevistado; não consta da gravação.

para não haver vazamento. A gente trabalha dosimetrado. Se houver algum acidente de vazamento de radiação, aquilo será medido. Então, cada empregado trabalha com um filme dosimétrico. O histórico que a gente tem nesses 20 anos... Nunca apareceram contagens quando ele [o filme dosimétrico]⁴³ foi analisado. Eu fiquei sabendo de um caso que aconteceu em Itabira, com uma pessoa que estava fazendo manutenção e fez alguma coisa que não foi correta. Mas a gente não teve casos. Nesses termos, a gente tem o controle de... Se tiver que abrir o equipamento, ele vai estar desligado, não vai estar com o tubo de raios X energizado. É esse controle, as pessoas trabalhem dosimetradas. E, na parte de segurança geral do laboratório, todos os cuidados envolvidos, as diversas proibições... Sempre que acontece um quase acidente... A gente controla os quase acidentes, analisa os quase acidentes, justamente para ter subsídio para você evitar um acidente posterior. Essa parte toda é tratada com bastante carinho.

Keka Simões – Saindo um pouco do laboratório e voltando para a questão da sua vinda para cá, como foi chegar a Mariana? Como pessoa e como funcionário da Vale do Rio Doce, qual foi seu impacto ao chegar à cidade? E quais os problemas ou soluções encontradas nessa chegada? Algumas pessoas já falaram aqui da questão da moradia, do comércio... Enfim, como era a cidade e como vocês chegaram e se fixaram aqui?

Rui Alves – A gente tem algumas histórias [riso] interessantes. Realmente, a moradia era difícil. Na época, foi bastante difícil! Acho que hoje vai ter dificuldade, mas hoje já existe mais disponibilidade. Na época, muitos bairros – Colina, Vila⁴⁴, Cabanas – não existiam. Então, casas eram difíceis. Tinha vindo a Samarco⁴⁵, já estava trabalhando há algum tempo. Depois veio a Vale com um grande contingente de gente. Antes disso, as grandes empreiteiras que tiveram que fazer a implantação, o que acabou... Como fala? Tornou o preço do aluguel muito caro. Porque chegava e pagava o... Inflacionou o aluguel. A chegada realmente foi... Quando vim para cá, eu acabei tendo uma dificuldade, porque minha esposa dava aula e tinha feito um concurso. Não tinha sido efetivada, estava aguardando a efetivação. Aliás, sua efetivação

⁴³ Acréscimo feito pelo entrevistado; não consta da gravação.

⁴⁴ Vila da Vale, nome dado pelos moradores de Mariana ao bairro Jardim Inconfidentes, construído para abrigar os primeiros funcionários da Companhia Vale do Rio Doce.

⁴⁵ Samarco Mineração S/A.

saiu logo no início. Para ela vir para cá, aquilo ia demorar. Minha menina tinha nascido em novembro, eu estava vindo para cá em fevereiro. Então aquela: “Como nós vamos fazer para conseguir essa transferência? Ficar trabalhando aqui ou em Mariana?” A gente tinha uma conhecida, parente, do pessoal de Cocho D’água, do meu sogro, que trabalhava dentro da Secretaria de Educação. A gente conversou com ela isso aí, em uma quarta-feira. Ela falou: “Olha, na segunda-feira vai sair publicado no jornal. Você tem que comparecer na segunda-feira”. Então foi um sufoco, porque eu fiquei sem tempo nenhum! Chegando aqui, aquele desespero para arrumar casa para morar! Foi um caos! Chegava a casas onde você tinha quartos que não tinham janela... Acho que toda cidade tem isso. Mas foi essa a grande dificuldade. Eu acho que a gente foi muito bem recebido aqui. As histórias que a gente tem daqui foram muito boas. E a gente acabou virando marianense, não é? [riso] A gente está aí.

Keka Simões – Você mora em alguma das vilas construídas pela Vale?

Rui Alves – Moro na primeira, no Jardim dos Inconfidentes. Essa aí também foi outra ajuda. Em final de 1984, um ano e pouco depois, as casas já estavam prontas. Aí as coisas se acertaram, ficaram mais fáceis.

Keka Simões – A Vale do Rio Doce presta algum tipo de auxílio ou benefício para seu funcionário e a família? Que tipo de benefício vocês têm ou tiveram?

Rui Alves – Na transferência, a gente teve ajuda de custo para a mudança. A própria Fundação Vale do Rio Doce⁴⁶... A construção das casas, a maneira como foram vendidas, todas estavam financiadas pela Vale. Os benefícios gerais que a gente tem, como empregado... Plano de saúde... Todos são benefícios que ninguém questiona. E, no mais, de todos os programas da Vale a gente está participando; estão sempre envolvendo o empregado. Mas eu acho que os benefícios são inúmeros.

Keka Simões – Nessa questão da moradia, as casas foram financiadas pela Vale. Como se deu o financiamento para se comprar a casa?

Rui Alves – Foi pela própria Fundação Vale do Rio Doce, que fez as construções e o financiamento. Claro, a gente entrava com o fundo de garantia com o prazo, se não me engano, de 50 meses para pagar. Eu acho

⁴⁶ Fundação Vale do Rio Doce de Habitação e Desenvolvimento Social.

que a maioria do pessoal conseguiu pagar isso bem rápido. No meu caso, foi com o Plano Collor⁴⁷. Na época, eu estava com dinheiro para comprar um Chevette, um carro, e ficou preso no Plano Collor. À frente, você poderia usar esse dinheiro para pagar a casa em duas situações: ou pelo saldo devedor ou pelo número de prestações, metade do número de prestações, o que fosse mais vantajoso. Foi o dinheiro suficiente para pagar a casa, então...

Keka Simões – Resolveu...

Rui Alves – Resolveu. Não houve dificuldades. E os financiamentos que houve envolvendo a Fundação, eu não vi caso assim de... No Brasil, teve uma fase muito ruim de aluguel, de pessoas perdendo, tendo que abandonar, tendo que ficar inadimplente, não é? Eu não vi muitas histórias disso aqui. Pode ter acontecido, mas eu não ouvi muito essas histórias, não.

Keka Simões – Essas casas no Jardim Inconfidentes eram todas iguais? Ou havia uma diferenciação, havia categorias de casas? Como era isso?

Rui Alves – Elas tinham alguma diferenciação e, conseqüentemente, de preço também. Eu não lembro o número, mas eram uns três ou quatro. Então, tinha a de três quartos, um tamanho. Outras eram três quartos, sala conjugada, algumas variações nesse sentido. Mas todas no mesmo padrão de construção. O padrão de construção foi o mesmo para todas.

Keka Simões – Certo. O funcionário escolhia dentre esses tamanhos, vamos dizer assim? [inaudível] de tamanho, não é?

Rui Alves – É, foi por escolha. Se você tivesse disponibilidade, se o salário desse para pagar a casa mais cara, ele podia escolher. Isso aí era uma opção dele. Mas teve uma escolha por tempo de serviço. Às vezes, você tinha casa posicionada em uma esquina em que o lote era maior, mas tinha pessoa que podia escolher na frente. Seguiu uma...

Keka Simões – Uma prioridade de escolha, vamos dizer assim?

Rui Alves – É.

Keka Simões – Em relação a tempo de serviço?

Rui Alves – É. Só a tempo de serviço.

⁴⁷ Implantado em março de 1990 pelo então Presidente da República, Fernando Collor de Melo, este pacote econômico bloqueou todos os ativos financeiros que ultrapassassem a quantia de 50 mil cruzados novos, transferindo-os para o Banco Central.

Keka Simões – Essa ninguém tinha nos contado. É interessante perceber como isso vai se dando. Você falou um pouquinho de um impacto da chegada de vocês à cidade, e antes de vocês as próprias empreiteiras, que foi a questão da inflação de moradias, o preço de aluguel. Nesse tempo todo em que está aqui, desde 1983, o que você nota de mudança em Mariana? Em termos do espaço urbano, sobre o qual você já falou um pouco também, do comércio, convivência, atividades sociais ou culturais... Há diferença do momento em que você e sua família chegaram para hoje?

Rui Alves – Sim, houve mudanças. Hoje, a gente tem mais eventos culturais. É claro que houve, associadas politicamente à administração do município, variações de acordo com a característica de cada um que veio nesse tempo e aí teve suas variáveis. Mas a disponibilidade de eventos... O que se perdeu... Antes, a gente tinha o cinema; hoje não tem. Mas foi criado o SESI⁴⁸, com muitos eventos e fases boas com teatro e tal. Outras fases, menos, não é? Mas eu acho que Mariana, no começo... Se você raciocinar em termos da miscigenação da população com o estrangeiro, com o forasteiro, que viria de fora, eu acho que isso aí fechou bastante. Nesse ponto. Em termos da cidade, eu acho que ela cresceu em termos de contingente de pessoas, de população. É uma cidade mais cheia, justamente pela quantidade dos bairros, da população que está nos bairros em volta do centro de Mariana. É muito perto de Ouro Preto, de outros eventos. Na parte inicial, eu não tive muito... Ouvi muitas reclamações de pessoas que ficavam presas, talvez resistentes a mudanças: “Ah, eu quero voltar para a minha terra! Aqui está ruim e tal”. Mas eu, sinceramente, não senti muito isso. Eu saí de um lugar que era uma roça – Rio Acima é cidade pequenininha –, fui para Nova Era, fiquei morando exatamente oito anos em Nova Era, e vim para Mariana, me adaptei bem na cidade. Eu vejo esse crescimento em termos de tamanho de cidade e da necessidade que vai gerando a cada... Evolução ao longo do tempo. É claro que Mariana foi muito marcada por essas administrações que teve.

Keka Simões – Você falou uma coisa interessante: a mistura da população com o estrangeiro. Nesse início, qual foi sua percepção da relação entre o

⁴⁸ Teatro SESI – Mariana, localizado na Rua Frei Durão, no centro da cidade.

nativo e o contingente de pessoas e famílias chegando? Havia uma certa dificuldade de entrosamento ou não?

Rui Alves – Acho que depende de situações e pessoas, da interação da pessoa com o meio. Na verdade é isso. O que eu notei é que as pessoas eram agradáveis, mas um pouco afastadas. Te tratavam bem, mas sempre tinha um quê da cidade... De [inaudível]: “Ah, ele veio de fora!” Mas é o que eu notei, básico. Mas não sofri nenhum tipo de... Algumas coisinhas deixavam transparecer isso, mas não foram marcantes, não foram contundentes.

Keka Simões – No seu exercício profissional, você teve ou tem problemas, dificuldades, ou alegrias e recompensas?

Rui Alves – Olha, traçar um perfil histórico da evolução... Eu acredito muito no seguinte: se a gente ficar preso a um local, a vida da gente fica muito em função daquilo que a gente enxerga. Quando eu trabalhava em Piçarrão, o laboratório era pequeno; a visão da gente era muito restrita. Por exemplo, quando eu ia fazer um interlaboratorial, quando ia checar a minha análise – porque eu fazia uma análise com a de outro laboratório –, a gente assumia a culpa: “Ah, não! A gente vai...”. É ruim, a gente não enxerga isso. Aqui não. Quando a gente veio para cá, à medida que foi evoluindo, quando veio nossa atual gerente para cá, muito aberta à oportunidade... O contato com outras pessoas, outros laboratórios, a participação em congressos abrem esse horizonte, você consegue enxergar o valor. Nessa parte que gosto, que seria o trabalho técnico mesmo, de estar desenvolvendo, analisando as coisas, querendo conhecer o porquê das coisas, eu acho que cresci bastante. Eu faço o que eu gosto e hoje estou muito ligado a essa parte de desenvolvimento, dando, às vezes, suportes para outros laboratórios. Porque hoje é o seguinte: a nossa gerência não é presa a Timbopeba. A gerência é uma gerência com todos os laboratórios do Sistema Sul⁴⁹.

Keka Simões – Do Sistema Sul?

Rui Alves – É. Até recentemente, a gente estava com oito laboratórios, que seriam: Timbopeba, Alegria, Congo Soco⁵⁰, Brucutu⁵¹, Itabira, Água Limpa⁵² (em Piracicaba), Fábrica⁵³ (Congonhas⁵⁴) e Feijão⁵⁵ (em Brumadinho⁵⁶).

⁴⁹ Divisão dada pela Companhia Vale do Rio Doce correspondente às minas localizadas, anteriormente, nas regiões Sudeste e Sul do país. Atualmente, corresponde às minas localizadas somente na região Sul.

⁵⁰ Mina do Congo Soco, localizada em Barão de Cocais, município de Minas Gerais.

Keka Simões – Feijão?

Rui Alves – É. Eles falam Feijão, Mina de Feijão ou Córrego de Feijão, em Brumadinho. Só que, agora, com a incorporação da MBR⁵⁷, dividiu em duas diretorias: a Diretoria Sudeste, onde a gente ficou, e a outra, Diretoria Sul. Talvez eu esteja errando a sigla porque é situação recente. Ficou a MBR, o laboratório de Fábrica e o laboratório de Feijão, lá em Brumadinho. E a nossa gerência ficou com os outros seis laboratórios aqui: Alegria, Timbopeba, Congo Soco, Brucutu, Itabira e Água Limpa. Está na mesma gerência que foi a minha gerente na época, no começo de Timbopeba. Então, existe uma troca muito grande. Essa interação entre os laboratórios permitiu a troca de conhecimentos, a formação de grupos de estudo e um desenvolvimento muito grande em termos de laboratório. No começo, o pessoal ficou com medo, porque antes, em cada mina, tinha um laboratório. Mas, querendo ou não, você tinha uma espécie de: “Aqui é o meu lugar!” “Eu passo esse conhecimento.” “Eu tenho isso”. Ficava um pouco dependente do outro. Por exemplo, em Timbopeba, no começo, a gente tinha uma sensação de dependência muito grande do laboratório de Itabira. E hoje essa troca é muito grande. A troca de informação, de técnicas. Se alguém desenvolveu alguma coisa, troca, isso é trocado entre os outros. Por exemplo, eu trabalho com a qualidade. No meu laboratório, eu tenho uma pessoa responsável pelos trabalhos relacionados ao sistema de qualidade. Outros laboratórios têm a mesma pessoa. Eles se comunicam em teleconferências, via telefone, fazendo essas conferências quase semanais. Na parte de automação existe uma troca muito grande. E isso cresce muito o conjunto como um todo. Mas o meu desenvolvimento de laboratório... Quando vim de Piçarrão para aqui, eu fui começar a participar de congressos. Existia um, dentro da ABM⁵⁸, que a

⁵¹ Mina de Brucutu, mineração de minério de ferro pertencente à Companhia Vale do Rio Doce. Localizada em São Gonçalo do Rio Abaixo, município de Minas Gerais.

⁵² Mina de Água Limpa, mineração de minério de ferro pertencente à Companhia Vale do Rio Doce. Localizada em Rio Piracicaba, município de Minas Gerais.

⁵³ Mina de Fábrica, mineração de minério de ferro pertencente à Companhia Vale do Rio Doce. Localizada no Quadrilátero Ferrífero, em Minas Gerais.

⁵⁴ Congonhas do Campo, município de Minas Gerais.

⁵⁵ Mina do Córrego do Feijão, mineração de minério de ferro pertencente à Companhia Vale do Rio Doce. Localizada no Quadrilátero Ferrífero, em Minas Gerais.

⁵⁶ Município de Minas Gerais.

⁵⁷ Minerações Brasileiras Reunidas, empresa dedicada à mineração e processamento de minério de ferro. Atualmente pertence à Companhia Vale do Rio Doce. Localizada em Itabirito, município de Minas Gerais.

⁵⁸ Associação Brasileira de Metalurgia e Materiais.

gente chamava de COQUIM⁵⁹, dos laboratórios da mineração e da siderurgia. Nesses congressos você conhecia muitas pessoas. Se eu tinha uma dificuldade no meu laboratório, eu ligava para uma pessoa da Cosipa⁶⁰ ou da CST⁶¹ ou da MBR. Você trocava essas figurinhas, figurinhas em termos de técnica. Não vamos falar: “Eu mandava reagente para lá”. Não, não é o caso! Cada um tem a sua área. Mas em termos de problemas: “Ah, eu estou com problema para analisar determinada amostra! O que você acha aí, de sugestão?” A gente trocou isso e isso abriu muito o meu horizonte como analista, como técnico na função que ocupo.

Keka Simões – Você falou que até a comunicação está mais interessante. Essa gerência fica baseada em qual dessas localidades?

Rui Alves – No começo, a Liana, que é a nossa gerente atual, ficava em Itabira. Hoje ela fica em Belo Horizonte⁶². Em cada laboratório, ela tem um coordenador técnico e os supervisores. Na parte pessoal, é o contato direto gerente – supervisor e o suporte técnico. Então, cada laboratório tem um nível superior que é o coordenador técnico. Eles contatam muito em termos de reuniões e teleconferências.

Keka Simões – Qual é o nome dela todo, por favor?

Rui Alves – Liana Joncew.

Keka Simões – Quanto está o tempo?⁶³ Rui, tem alguma outra coisa relacionada ao seu universo profissional, ou algum caso, algum fato, que você guardou na memória, que você conta para as pessoas e que gostaria de registrar aqui?

Rui Alves – Olha, em cada local você tem suas histórias. Alguns casos vêm na hora em que você está em uma roda: você conta isso, você lembra aquilo, mas são coisas corriqueiras às vezes. Tem até um exemplo da Mina de Piçarrão. Lá tinha uma torre de amostragem. Você via o minério em uma correia, vinha o cortador e cortava uma determinada quantidade X de minério. O volume era grande. Na hora em que ela passava, era tipo um tubo com uma abertura por onde passava aquele fluxo de minério e fazia o corte. Isso ia para

⁵⁹ Seminário de Controle Químico em Metalurgia.

⁶⁰ Companhia Siderúrgica Paulista.

⁶¹ Companhia Siderúrgica de Tubarão.

⁶² Capital de Minas Gerais.

⁶³ Dirige-se ao operador de câmera.

uma torre, e os cortadores iam diminuindo a massa até chegar àquela massa que você ia fazer para analisar. Não adianta levar 200 quilos se eu vou tirar 0,4 gramas para fazer uma análise de ferro. Então, tem todo um processo de preparação, homogeneização, cominuição dessas amostras, até chegar a 0,4 gramas, que vão representar as 5700 toneladas do carregamento. Nessa torre de amostragem, você tinha a primeira divisão e lá costumava entupir – tinha um mangote mais ou menos de [duzentos]⁶⁴ milímetros –, e as pessoas tinham que bater marreta. Eu me lembro desse caso. Um funcionário da gente estava lá trabalhando e o negócio entupiu. Ele ficou batendo marreta durante meia hora. Marretava, marretava, não conseguia desentupir. Aí ele ligou para mim: “Manda ajuda que eu estou cansado aqui e não consegui!” E já estava prejudicando a parte que geraria uma amostra. Já estava praticamente prejudicada, porque em meia hora já tinha perdido pelo menos dois cortes. Aí mandei um analista para ele. O analista chegou lá: “Ah, você está dando nó cego! Eu desentupo isso com o pé!” Chegou, bateu o pé assim⁶⁵, o trem⁶⁶ desceu todo, não é? [risos] Na época, ele falava que faltou uma marretada, que se ele tivesse dado mais uma marretada teria resolvido a situação. Então, coisas desse tipo acontecem. Tem muitas histórias. Se você pegasse o laboratório aqui e reunisse a gente que está na mesma gerência, poderia montar um conjunto aí, um folhetim de bastantes histórias interessantes.

Keka Simões – É uma idéia, não é?

Rui Alves – Mas são coisas que acontecem. Quando a gente veio para cá, a parte inicial foi bastante difícil também. A gente não tinha um laboratório construído. Então, a gente foi para uma subestação que era uma sala: a gente pôs junto o britador para moer a amostra e uma chapa para fazer o ataque químico das amostras, porque a contaminação era grande. E tinha aquela dificuldade, lugar para acesso... À noite, apagava-se a luz; às vezes, tinha que subir aquelas rampas até de mão ao chão! Umas dificuldades iniciais que... Só naquele início, porque a gente chegou em fevereiro e você não estava com a estrutura montada. Embora a inauguração efetiva de Timbopeba tenha sido em 1984, em 1983 começaram a chegar os minérios que vinham da Mina de

⁶⁴ Interferência do entrevistado a partir da leitura da entrevista, sem ter ouvido o áudio.

⁶⁵ Demonstra como o analista fez: um chute sem muita força.

⁶⁶ Trem, neste caso, é uma referência ao material que estava entupindo a torre de amostragem.

Capanema – são 11 quilômetros de correia transportadora. A gente tinha que fazer alguns produtos. Foram situações complicadas no início, mas com muitos casos interessantes ao longo do tempo e até hoje!

Keka Simões – Eder, você tem alguma pergunta?⁶⁷ Rui, tem alguma coisa sobre sua atividade dentro da empresa que você acha importante falar, que eu não perguntei ou que você não falou?

Rui Alves – Hoje, minha atividade, [em termos]⁶⁸ profissional, eu gosto do que faço, eu acho que sou bem reconhecido, dentro dos laboratórios, naquilo que faço. Um laboratório me liga: “Como se faz isso?” Então, eu vivo muito dessa parte, dando suporte aos outros laboratórios. Realmente, é uma coisa que faz a gente se sentir realizado, você conseguir fazer a coisa, conseguir enxergar. Também é uma questão de postura sua ao longo do tempo. Eu dou muito exemplo... Às vezes, eu ia visitar laboratórios com outros colegas. Enquanto os outros colegas estavam preocupados em falar “Ah! No meu laboratório eu faço assim, faço dessa maneira”, eu estava preocupado em olhar uma coisa diferente. Falava: “Como é isso aqui? Como isso funciona?” Era pegar pequenas coisas que poderiam se adaptar à minha rotina, ou que eu poderia implantar essas coisas novas. Eu sempre fui mais nesse sentido de olhar as coisas, ver como se enxerga aquilo e tentar trazer. Então, eu acho que fiz o meu desenvolvimento todo em cima disso. Por isso, eu fico aí na parte técnica.

Keka Simões – Bom, em nome do Trem da Vale, eu gostaria de agradecer seu depoimento aqui, para compor esse grande panorama que a gente está fazendo da Vale do Rio Doce na região de Mariana. Muito obrigada.

Rui Alves – Eu agradeço. Muitas coisas que eu poderia ter falado vão ficar sem falar. Mas é uma oportunidade da gente estar participando disso, porque para vir aqui... Eu cheguei nervoso, queria saber: “Como vai ser? O que é isso? O que eu tenho que saber para falar? Eu não me lembro daquilo, não me lembro daquilo outro!” Mas essas oportunidades são interessantes. É muito gostoso fazer!

Keka Simões – É. E é isso mesmo! O interessante também da História Oral é essa coisa de você não ter que saber tudo naquele momento. Muito é o que

⁶⁷ O monitor indica com um gesto que não tem perguntas.

⁶⁸ Interferência do entrevistado a partir da leitura da entrevista, sem ter ouvido o áudio.

vem à memória da gente, de cada um. E, ao juntar com os outros, a gente começa a ter um painel maior.

Rui Alves – É. Até ontem...

Keka Simões – Provavelmente, você vai sair daqui, vai chegar ali à porta e vai falar: “Nó! Eu devia ter falado aquilo assim, assim, e não lembrei!” É assim mesmo.

Rui Alves – Ontem, na hora em que fui para o serviço, pensava no que seria isso. Eu estava lembrando de uma... De perspectivas. Eu lembro quando, já no início da minha entrada na Vale... Não sei precisar se foi logo no começo, quando entrei, ou se foram uns cinco anos depois, quando estava me mudando para Timbopéba. Eu lembro que, chegando a Itabira, alguém escreveu assim, em um paredão lá: “Meu pai: 30 anos. E eu?”

Keka Simões – Eu me lembro desse painel!

Rui Alves – Dessa frase, não é?

Keka Simões – Minha família é de Itabira.

Rui Alves – Escreveram naquele mural, chegando lá. Não sei como chama a região ali, onde era o hospital, ali em cima.

Keka Simões – Campestre⁶⁹.

Rui Alves – Então, na época, o que ficou para mim foi que aquela frase trazia uma preocupação com o futuro da Vale do Rio Doce. O que seria da Vale ali naquele... O pai tinha 30 anos de casa e a perspectiva para frente era baixa. Pensando ontem, eu falei: “Nó, que engraçado!” Hoje, praticamente 30 anos depois, a minha perspectiva é muito mais ampla! Ou seja, a Vale acabou de comprar a Inco⁷⁰, incorporou o que seria a parte de níquel. A parte de carvão lá na Coréia⁷¹... Acabou de ter certificação sem ressalva pela Sarbox⁷². Então, você vê que é um horizonte muito maior! Você vê o que se abriu de visão, de horizonte nesses 30 anos! É claro que esse horizonte se expandiu muito foi nos últimos tempos. Mas é uma reflexão... Essa frase ficou gravada, eu me lembro desse detalhe. Inclusive a cidade... Porque era uma preocupação com

⁶⁹ Bairro Campestre.

⁷⁰ Mineradora canadense comprada pela Companhia Vale do Rio Doce em 2006.

⁷¹ O entrevistado não identificou a qual dos países asiáticos estava se referindo: Coréia do Sul ou Coréia do Norte.

⁷² Requisito legal aplicável às empresas listadas nas bolsas de valores de Nova Iorque, que tem por objetivo garantir a eficácia, a correta avaliação e o monitoramento dos controles internos dos processos refletidos nos relatórios financeiros das companhias de capital aberto que negociam ações no mercado dos Estados Unidos.

a juventude, em termos de perspectiva de futuro... E hoje eu acho que a perspectiva é muito maior do que 30 anos atrás. A gente pensava que ia acabar em pouco tempo e hoje está com vida longa para frente.

Keka Simões – É isso, Rui. Obrigada. Foi ótimo!

Rui Alves – Está bom. Foi um prazer.

[Término da entrevista]